



Conferência-debate Vida Económica "Os Desafios da Formação Profissional"

É preciso alterar a tendência para a secu

O semanário Vida Económica organizou uma mesa-redonda em formato digital subordinada ao tema "Os Desafios da Formação Profissional". Entre os convidados estiveram João Costa, secretário de Estado Adjunto e da Educação, António Leite, vice-presidente do Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP), José Luís Presa, presidente da Associação Nacional de Escolas Profissionais (ANESPO), Teresa do Rosário Damásio, administradora do Grupo Ensinus, e Luís Manuel Ribeiro, presidente da CESAE Digital. Das intervenções ficou clara a necessidade de promover a Formação Profissional enquanto alternativa de futuro para uma integração no mercado de trabalho, alterando a tendência para a secundarização deste tipo de formação.

DORA TRONCÃO

É preciso criarmos consciência partilhada, coletiva, uma dinâmica social de valorização e reconhecimento do ensino profissional e da formação profissional", foi a afirmação de ponto de partida de João Costa, secretário de Estado Adjunto e da Educação, no debate Vida Económica "Os Desafios da Formação Profissional". "Vivemos durante muitos anos em todo este setor um estigma da secundarização do ensino profissional face a outras vias do ensino secundário", reforçou. "Presente em documentos legislativos, nascia sobretudo de um profundo desconhecimento do que é o ensino profissional, sobre os seus resultados, sobre aquilo que faz e sobre a inovação tecnológica que temos em muitas escolas profissionais", disse.

"Fizemos a limpeza legislativa em termos da linguagem sobre o ensino profissional e temos vindo a investir num trabalho – que é difícil porque envolve esta consciência ser apropriada pelos órgãos de comunicação social –, a visibilidade daquilo que acontece nas escolas profissionais", revela. "Há muito trabalho a fazer, através da orientação vocacional nas escolas, para dar a perceber que, depois do 9º ano, a escolha não se faz



entre 4 cursos ou ensino profissional, mas entre cerca de 150 cursos que estão ao dispor dos alunos", lembra. "Criámos o portal da oferta formativa, temos estimulado a orientação

em termos de quadros comunitários de apoio, com novos instrumentos, a famosa "bazuca", planos de recuperação e de resiliência que são postos ao dispor dos Estados membros,

dade em grande mudança, "rápida, profunda, sendo por vezes contraditória e imprevisível, de natureza global e que nos chega de diferentes origens, que podem ser económicas, demográficas, políticas, sociais e sanitárias, como a que nos afeta hoje".

"Mudanças que aceleram o conhecimento, mas, em simultâneo, o tornam obsoleto, o que torna particularmente difícil a tarefa de educar e formar, são mudanças que destroem e criam emprego, nem sempre nos mesmos locais, quase nunca o cria para os mesmos setores, nem para os mesmos cidadãos, porque qualificação não é adequada aos novos empregos ou à faixa etária".

António Leite sublinha a necessidade "de ter consciência deste contexto e atuar em conformidade é o primeiro desafio da formação profissional", o que significa "perceber que a formação profissional não podia dar a mesma resposta que há anos, mas tem de se mudar e adaptar, e trabalhar com as empresas,

"A formação profissional é o passaporte para a empregabilidade" – José Luís Presa, da ANESPO

vocacional feita fora da escola também, a nível concelhio, e há muito bons resultados no melhor encaminhamento dos alunos", conclui.

Formação profissional é um instrumento para o desenvolvimento e melhoria da economia

"Em 2015, quando chegámos, a rede do ensino profissional era uma rede muito desordenada, descobri que não havia um critério consolidado, e, em conjunto com o setor, com comunidades intermunicipais, definimos os critérios sobre onde se podia investir, que incluem adequação da oferta por território ao que são as necessidades das empresas e qualificação dos próprios territórios porque podemos estar a formar aquilo que são uma máquina aceleradora de desertificação do interior", disse o João Costa. "Com critérios de organização, de taxas de empregabilidade, encaminhamento para o ensino superior, qualidade das parcerias, dinâmicas de coesão territorial, enriquecemos a capacidade em termos uma oferta de vias profissionalizantes enquanto instrumento para o desenvolvimento, aprofundamento e melhoria da nossa economia", explica.

Quanto a desafios futuros, o secretário de Estado Adjunto lembra que "estamos numa fase de transição

uma oportunidade muito grande". E "ao percebermos que o país não é assim tão grande, podemos definir centros especializados de formação, via IEFP ou escolas, especializar a oferta para concentrar recursos".

Adaptar a formação e antecipar tendências

António Leite, vice-presidente do Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP), começa por contextualizar a Formação Profissional. Fala primeiramente de uma socie-



JOÃO COSTA
Secretário de Estado Adjunto e da Educação

"Vivemos durante muitos anos em todo este setor um estigma da secundarização do ensino profissional face a outras vias do ensino secundário".



ANTÓNIO LEITE
Vice-Presidente do Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP)

"A formação profissional não pode dar a mesma resposta que há anos, mas tem de mudar e de se adaptar, trabalhar com as empresas."



darização da Formação Profissional

concebendo planos de formação de acordo com as reais necessidades de cada uma”.

O vice-presidente do IIEFP refere a propósito que foi o que procuraram “fazer com a CIP, com o Programa + Digital, e, já em fase de negociação, com CCP e CTP e o Programa Jovem + Digital, assim como com os vários planos de formação associados aos apoios que as empresas têm vindo a receber por força da situação que vivemos”. “Nos centros de formação do IIEFP, gestão direta e protocolares, houve mais de 100 mil formandos abrangidos em 2020, ativos das empresas e não desempregados”.

Atuar em conformidade com os desafios da Formação Profissional significa, para António Leite, também “antecipar as necessidades, recolher informação sobre tendências e projetos que irão ser desenvolvidos e adaptar as metodologias às circuns-

as condições salariais desses trabalhadores, mas não só”.

Adequar a rede de escolas e cursos às necessidades das empresas

José Luís Presa, Presidente da Associação Nacional de Escolas Profissionais (ANESPO), associação que acompanhou a formação de jovens, mas também, progressivamente, de adultos, ao longo de 31 anos, afirma que “muitas vezes se desvaloriza o ensino profissional, mas temos de perceber que a educação e formação são direitos fundamentais, todos os jovens e adultos têm direito a beneficiar de todas as estruturas e organizações que desenvolvem a formação para melhor se prepararem para entrar no mundo do trabalho”.

“As escolas profissionais respondem a diagnósticos de necessida-

“Estamos numa fase de transição em termos de quadros comunitários de apoio, com novos instrumentos, a famosa ‘bazuca’, com planos de recuperação e de resiliência ao dispor dos Estados membros” – João Costa, secretário de Estado Adjunto e da Educação

ca é diplomada pelo ensino superior; há uma percentagem de jovens que não tem emprego e, quando encontra emprego, é desqualificado e mal pago, e todos os outros que tenham um percurso de qualificação bem-sucedido, empenhado, esses alunos têm emprego em qualquer parte, não têm qualquer dificuldade”. “A grande questão é se os alunos e as famílias têm informação suficiente para fazer as opções, e julgo que não, que os alunos, quando terminam o 9º ano, não dispõem de ferramentas, de informação, são desorientados, em vez de orientados, e não se pode esperar que sejam alunos de sucesso ou que vão ter grandes condições para poderem singrar na vida ativa”.

“A formação profissional é o passaporte para a empregabilidade, para o prosseguimento de estudos e para integração no mercado de trabalho”, afirma.

Fomentar a internacionalização significa produzir ciência e educação

Teresa do Rosário Damásio, Administradora do Grupo Ensinus, Embaixadora Representante de Portugal na Semana Europeia para o Ensino e Formação Profissional em 2019 e em 2020, considera que “há que priorizar muito mais a orientação vocacional, aproximar as escolas das empresas, temo-lo vindo a intensificar e consolidar através dos conselhos consultivos, das PAP, da presença

do orientador da empresa, e fomentamos a presença das empresas na vida das nossas escolas”.

Refere ainda que com “a ANQEP e com o Ministério da Educação as escolas profissionais passaram, em 2019/2020, por um processo muito relevante que as situa a par de todas as congéneres europeias, nomeadamente a conquista do selo de qualidade EQAVET, um trabalho difícil que não seria possível sem a ANESPO, que é um orgulho para a República Portuguesa ter mais de 75% das escolas com o selo de três anos”. Faz questão de salientar que “Portugal está, em 2020, no terceiro lugar no que diz respeito a iniciativas em conjunto das empresas com as escolas – antigamente, tínhamos a escola na presença tradicional na PAP, na presença nos conselhos consultivos, neste momento já temos as empresas presentes ao nível do Erasmus +, a participar nos projetos, sendo parceiros habituais”, reforçando a ideia de que “o que conseguimos ao internacionalizarmos as nossas escolas é produzirmos cada mais ciência e educação no eixo do nosso sistema educativo, que por muitos ainda é visto como uma via alternativa”.

Empresas necessitam de uma resposta rápida na formação na área do digital

O centro protocolar Cesae Digital foi criado com data de 1 julho de 2020, não foi motivado pela pandemia, “já se antevia a lógica da transição digital seja da sociedade ou economia, a pandemia só veio acelerar o processo e este é o nosso quotidiano, o encontrar resposta, porque o setor empresarial precisa das pessoas que vão alimentando as empresas, indo ao encontro das suas empresas”. E conclui, “além da formação setorial, que no nosso caso é abrangente de tal forma porque todas as empresas do calçado, da mecânica e metalurgia vão necessitar de formação na área do digital, mas de uma resposta rápida, os atores e intervenientes do processo profissional têm de ter capacidade para adaptar conteúdo e programas ao que são as verdadeiras necessidades no tempo em que as empresas necessitam de uma resposta”.

Nos centros de formação do IIEFP, gestão direta e protocolares, houve mais de 100 mil formandos abrangidos em 2020, ativos das empresas e não desempregados

tâncias e o digital é um excelente exemplo, ao mesmo tempo objeto de estudo e plataforma de atuação para a própria formação ao percebermos que é uma forma de chegar a mais pessoas nas circunstâncias difíceis que vivemos”.

O representante do IIEFP alerta ainda para a necessidade de “tornar evidentes os ganhos que cada um tem na Formação Profissional; consegue-se melhorando os apoios aos formandos, como, por exemplo, no programa UPskill e Aprendizagem dá Emprego, mas também levando as empresas a compreender a mais-valia que advém de terem trabalhadores mais qualificados, melhorando

des” e, “face ao contexto, ao que significam as realidades económicas, sociais e culturais de cada um dos territórios, assim as escolas profissionais devem dar resposta”, refere.

“A rede de escolas profissionais e de cursos profissionais é adequada às necessidades das empresas? Não, porque os jovens que frequentam cursos profissionais na idade própria, no ensino secundário, representam uma percentagem muito baixa, 33-34%, e também sabemos que no ensino superior a percentagem que frequenta o ensino superior é de 30 a 40%”. Concluindo que “há uma faixa que, na idade própria, não tem qualquer qualificação profissional e nun-



JOSÉ LUÍS PRESA
Presidente da Associação Nacional de Escolas Profissionais (ANESPO)

“Jovens que frequentam cursos profissionais na idade própria no ensino secundário representam uma percentagem muito baixa, 33-34%.”



TERESA DO ROSÁRIO DAMÁSIO
Administradora do Grupo Ensinus

“Portugal está, em 2020, no terceiro lugar no que diz respeito a iniciativas em conjunto com as empresas e escolas.”



LUÍS MANUEL RIBEIRO
Presidente CESAE Digital

“Todas as empresas vão necessitar de uma resposta rápida na formação na área do digital.”

EDIÇÃO ESPECIAL

Este suplemento faz parte integrante da Vida Económica nº 1871, de 26 fevereiro 2021, e não pode ser vendido separadamente

VidaEconómica



FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Foto: CENFIM

DEBATE VIDA ECONÓMICA

Os Desafios da Formação Profissional

"É preciso criarmos consciência partilhada, coletiva, uma dinâmica social de valorização e reconhecimento do ensino profissional e da formação profissional", afirma João Costa, Secretário de Estado Adjunto e da Educação

Págs. 2 e 3

ENTREVISTA

António Valadas da Silva, Presidente do Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP), afirma:

"A pandemia levou à criação de medidas de apoio inteiramente novas"

Pág. 4

INQUÉRITO

Centros protocolares falam à Vida Económica

Centro de Formação Profissional da Indústria Metalúrgica e Metalomecânica (CENFIM), Centro de Formação Profissional para o Comércio e Afins (CECOA) e o Centro para o Desenvolvimento de Competências Digitais (CESAE)

Pág. 6